

Juventude: entre o Preço do Consumo e o Valor do Compromisso

Youth: between the Price of Consumption and the Value of Commitment

Idalberto José das Neves Júnior
Universidade Católica de Brasília (UCB)
jneves@ucb.br
<https://orcid.org/0000-0002-2241-9756>

Luiz Síveres
Universidade Católica de Brasília (UCB)
luiz.siveres@catolica.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4735-6066>

Paulo César Nodari
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
paulocesarnodari@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4123-8683>

RESUMO

O perfil da juventude, no contexto do século atual é multifacetado. Percebem-se, entre algumas configurações familiares, organizações sociais ou movimentos culturais uma manifestação de esperança para mudar algumas dinâmicas sociais, dedicando-se desenvolver missões humanitárias, projetos comunitários ou causas ambientais. Mas por outro lado, a juventude está sendo introduzida numa era do vazio, descrita por Lipovetsky (2005) como um vazio existencial que precisa ser preenchido pelo dilúvio de informações disponibilizadas pelas redes sociais; de uma sociedade que está à deriva, explicitada por Castoriadis (2006) como um conformismo em relação às mudanças sociais e ambientais, embora preocupado com o crescimento econômico para produzir e consumir sempre mais; pela participação de uma sociedade global de consumidores, que segundo Bauman (2011) afeta a todos e a tudo aquilo que se relaciona com a condição humana, fazendo com que todos sejam cada vez mais consumidores, mas ao mesmo tempo transformados em produtos que precisam ser consumidos. Para tanto, estruturou-se este ensaio teórico, a partir dos autores Lipovetsky (2005), Castoriadis (2006), Bauman (2011), Taylor (2009), Morin (2005) e Oliveira (1993). O propósito deste artigo foi o de apresentar traços do perfil das juventudes, mecanismos da cultura do consumismo e sugerir proposições éticas para a vida pessoal e social, possibilitando fazer a travessia do preço do consumo para o valor do compromisso. Os resultados indicam que a retomada de alguns valores, vividos de forma singular ou coletiva, poderiam indicar para uma felicidade pautada na autenticidade, na proximidade e na solidariedade.

Palavras-chave: Compromisso. Consumo. Juventude. Valor.

ABSTRACT

The youth profile in the context of the present century is multifaceted. One sees among some family structures, social organizations or cultural movements in a positive way, a manifestation of hope to change some social dynamic a commitment to solidarity to promote people and projects, as well as the dedication to develop humanitarian missions, community projects or environmental causes. But on the other hand, youth is being introduced in an era of emptiness, described by Gilles Lipovetsky (2005) as an existential void that needs to be filled by the flood of information provided by social networks; a society that is drifting, explained by Cornelius Castoriadis (2006) as a conformism in relation to social and environmental change, although preoccupied with economic growth to produce and consume more and more; as well as the participation of a global society of consumers, which according to Zigmunt Bauman (2011), affects everyone and everything that relates to the human condition, causing everyone to be more and more consumers, but at the same time into products that need to be consumed. Therefore, structured this theoretical essay, from authors Lipovetsky (2005), Castoriadis (2006), Bauman (2011), Taylor (2009), Morin (2005) e Oliveira (1993). The purpose of this article was to present features of the profile of young people, mechanisms of the culture of consumerism, and suggest ethical propositions for personal and social life, allowing one to secure passage from the price of consumption to the value of commitment. The results indicate that the resumption of some values, lived singularly or collectively, could indicate to happiness guided by the authenticity, proximity and solidarity.

Keywords: Commitment. Consumption. Value. Youth.

Introdução

A dinâmica do mundo contemporâneo pode ser percebida por uma diversidade de forças culturais, que atuam de forma interconectada, objetivando desenvolver projetos pessoais ou sociais em âmbito regional, nacional ou internacional. Dentre as distintas energias, não pode ser desconsiderada a capacidade dinamizadora da juventude que se posiciona de forma positiva em uma manifestação de esperança para mudar algumas dinâmicas sociais, um empenho de solidariedade para promover vivências e experiências de desenvolvimento, bem como a disposição para se envolver em causas humanitárias, em projetos comunitários ou em movimentos ambientais.

É necessário, no entanto, entender o fenômeno juvenil, vinculado a inúmeras tendências, mas de modo preferencial à dinâmica do consumo, do qual ele é tanto sujeito quanto objeto, ou seja, ele pode considerar-se autárquico e autônomo, por um lado, enquanto ele decide por sua própria conta, mas, por outro, ele é também fruto de uma geração e de uma lógica do mercado globalizado. Nesse sentido, se por um lado os jovens constituem-se em consumidores vorazes de tudo, sem respeitar, por sua vez, a presença do outro enquanto outro, mas como alguém a ser manipulado segundo interesses, por outro

lado, eles podem facilmente se tornar reféns da máquina consumista, tornando-se, por conseguinte, objetos de consumo. Essa característica tem se tornada majoritária no contexto atual, principalmente dentro de uma cultura globalizada, que no horizonte das relações pessoais tem se revelado cada vez mais individualizada, fragmentada e monopolizada.

A percepção dessa realidade exige, ao menos, uma reflexão e um posicionamento mais crítico e criativo, no sentido de perceber os interesses subjacentes a esse fenômeno e a potencialidade que a humanidade tem para indicar outras oportunidades para que os jovens possam construir seu projeto de vida no horizonte da felicidade, não apenas pautado no consumo, mas incorporando valores éticos. Além da experiência de valores como igualdade, fraternidade e liberdade, propostos como matriz conceitual dos últimos séculos, outros valores preconizam a relevância da retomada da ética em caráter de responsabilidade solidária (JONAS, 2006), tanto em nível pessoal como também comunitário, bem como universal, uma vez que todos somos cidadãos do mundo (CORTINA, 2005).

A responsabilidade que se impõe à experiência humana atual confere ao ser humano o dever de assumir a responsabilidade perante o futuro da humanidade. Por esse motivo, o conceito de responsabilidade na ética da responsabilidade vai além da ética individual, de modo a fundamentar uma ética da civilização tecnológica. Para tanto, é preciso ter presente, entre outros aspectos, de que eu não posso arriscar em algo sem tomar em conta os interesses dos outros, de que não tenho a permissão de pôr em risco a totalidade dos interesses dos outros, de que o aperfeiçoamento e a melhoria não justificam apostas totais, de que a humanidade não tem o direito ao suicídio da espécie e de que a existência do ser humano não pode ser objeto de aposta (JONAS, 2006, p. 83-88). Segundo Jonas (2006, p. 87-88), sob a óptica da responsabilidade, a prudência torna-se o cerne do nosso agir moral.

Por essa razão, a proposição de um projeto mais ético para a vivência da juventude, que deseja uma vida mais realizada, precisaria buscar realizar os jovens enquanto seres com suas características tanto as específicas, tais como a herança genética familiar, como também, as comuns a todos os outros jovens, enquanto situados em um contexto sociocultural e aberto aos muitos horizontes que lhe são possíveis. Por isso esta reflexão pretende apresentar traços do perfil das juventudes, mecanismos da cultura do consumismo e sugerir proposições éticas para a vida pessoal e social, possibilitando fazer a travessia do preço do consumo para o valor do compromisso.

Perfil das Juventudes

Ao se tratar do tema da juventude e das juventudes, é oportuno, de início, considerar que não existe um conceito uniforme para definir essa experiência existencial e relacional. Por isso, mais do que compreender a juventude como um período da vida biológica, um fenômeno cultural ou um agrupamento social, é necessário ter presente, de acordo com Gomes (2011), de que as juventudes são manifestações extremamente diversificadas, extrapolando qualquer tentativa de enquadramento conceitual. Portanto, em vez de referendar um conceito, é mais interessante compreender a juventude como uma potencialidade pessoal e cultural, um desafio para o seu reconhecimento e sua inclusão em um projeto de compromisso local e global.

Nesse sentido, mais do que criar uma nomenclatura que defina a juventude é mais adequado indicar as principais potencialidades e os desafios que caracterizam as juventudes no mundo contemporâneo. Estas podem estar mais concentradas em algum lugar e estar ausentes noutros, podem ser mais fortes em alguns momentos e enfraquecidas noutros, podem influenciar alguns procedimentos sociais e deteriorar outros. Essa dinâmica depende, portanto, do seu espaço cultural e das suas possibilidades de manifestação pessoal e social.

Sob a inspiração dessa característica das juventudes, várias manifestações poderiam ser elencadas, mas, para atender ao objetivo desta reflexão, entre outros, os aspectos seguintes podem colaborar com a compreensão do tema. Uma primeira potencialidade a ser lembrada é a confiança que os jovens têm na vida. Existe, portanto, um vigor inerente a essa condição humana que é manifesta, no contexto atual, pelo cuidado com o corpo, seja pela sua *performance* ou pela sua estética. Assim, ainda que não de concepção unânime, um dos modos de as juventudes contemporâneas manifestarem a sua vitalidade se dá, principalmente, pelo cuidado com o corpo.

Outra potencialidade que caracteriza as juventudes é a capacidade de criar conexões, cultivar conectividades, estar sintonizado com os movimentos históricos, culturais e sociais. Tal manifestação tem um respaldo significativo nas juventudes e se caracteriza, inclusive, como expressão da sua identidade. Assim, as energias juvenis estariam direcionadas para essa capacidade de inter-relação com uma diversidade de sujeitos sociais ou culturais, aspecto característico do fenômeno juvenil.

Ainda outra potencialidade é a capacidade de sonhar, de projetar utopias ou de participar, segundo Freire (2008, p. 234), de projetos que antecipem o “inédito viável”. As

juventudes caracterizam-se por projetos que estão inacabados e que buscam, portanto, alguma forma de complementaridade. Por isso, é característico do fenômeno juvenil apontar, constantemente, para novos horizontes de realização pessoal ou de promoção social.

A percepção dessas fisionomias e de alguns cenários perceptíveis na atualidade precisaria estar situada dentro de um contexto que se revela cada dia mais desafiador. Dentre os diversos desafios encontra-se a experiência do vazio existencial, que no entendimento de Lipovetsky e Serroy (2011, p. 31), aumenta cotidianamente, multiplicando-se os “comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo da falta de objetivo e de sentido” Essa tendência do esvaziamento existencial foi fortalecida, principalmente, pelo abandono de valores superiores como o voluntariado, a espiritualidade ou a compaixão, mas também pela facilidade de realizar projetos imediatistas e instantâneos.

Essa tendência está demarcando fortemente a realidade atual, contanto que segundo Lipovetsky (2005), não se apontam mais possibilidades de mudança para o futuro, mas apenas oportunidades para se realizar no presente, daí a disposição de todos quererem se preservar jovens. Mas essa realidade está provocando, segundo o autor, um grande vazio existencial, embora um vazio sem grandes tragédias porque o mesmo está sendo preenchido por um volume enorme de possibilidades de comunicação e pela agilidade das tecnologias de comunicação. Portanto, é uma relação controversa entre o vazio existencial e o repleto material que, geralmente, é virtual como no caso da conectividade das redes sociais.

Apesar dessa experiência do vazio estar diretamente vinculada ao sujeito, esse fenômeno é resultado de um modelo social, porque, de acordo com Castoriadis (2006, p. 63), “Os homens só podem existir na sociedade e pela sociedade”. Essa sociedade, porém, está sendo dominada pela preponderância do imaginário capitalista, seja pela primazia da dimensão econômica, pela preferência de uma racionalidade produtiva ou pelo privilégio de mecanismos que buscam promover o consumo. Em uma palavra, trata-se da lógica da economia do mercado que exclui quem não se dobra à convenção prevalente do capital.

Se, por um lado, esse modelo está trazendo alguns benefícios materiais para alguns grupos, por outro, ele está revelando um protótipo que está destruindo a existência cultural e a experiência social. Para dar um ordenamento a esse aspecto, Castoriadis (2009, p. 51) sugere o desenvolvimento da dimensão imaginária, que seria “a capacidade de formar um mundo e de dar um sentido, uma significação a este mundo e a si mesmo, ao que fazemos”. Apesar das contradições estarem presentes no cotidiano, principalmente entre os jovens, é

recomendável sugerir a importância da criação de sentido para as pessoas e para a sociedade, a despeito de um movimento que promove o não sentido da história.

Além desse aporte é necessário compreender, ainda, a realidade atual demarcada pelas tecnologias, que, segundo Bauman (1997), são um contributo à humanidade, mas que exigem uma fragmentação cada vez maior do próprio ser humano, dos processos ou até da compreensão de um mundo entendido como pós-moderno. Tal realidade é suportada, principalmente, por uma moral que se tornou defasada em relação aos novos desafios postos pela cultura atual.

Tal percepção pode ser ampliada com a reflexão de Jonas (2006, p. 40), ao compreender a ética com uma tonalidade antropocêntrica, fazendo com que “Desaparecem as delimitações de proximidade e simultaneidade, rompidas pelo crescimento espacial e o prolongamento temporal das consequências de causa e efeito, postas em movimento pela práxis técnica mesmo quando empreendidas para fins próximos”. De acordo com o autor, quanto mais a técnica vai se tornando cumulativa, mas a ética vai se diluindo entre os procedimentos tecnológicos contemporâneos.

Por essa razão o grande desafio experimentado, de modo especial, pelos jovens é a percepção de que eles são os grandes agentes do consumo, mas ao mesmo tempo, são as maiores vítimas dessa dinâmica econômico-social. Na proposta de Bauman (2011, p. 65), que entende a sociedade como um conjunto global de consumidores, é possível confirmar que “somos pressionados a consumir mais, e, nesse percurso, nós mesmos nos tornamos produtos nos mercados de consumo e de trabalho”. Esse cenário revela, uma vez mais, a incoerência entre os humanos no sentido de serem vorazes consumidores, mas também pacientes frágeis que podem ser consumidos a todo instante e de todas as formas.

Tal ponto de vista não se esgota em relações interpessoais, mas tem como suporte um sistema que promove um juízo de valor sobre o qual outros conhecimentos não podem expressar seu entendimento. Esse fato é percebido por Hinkelammert (2014, p. 115), ao afirmar que “A teoria econômica burguesa não leva em conta necessidades, leva em conta preferências; com isso, a perspectiva integral da realidade se desintegrou”. Considerando, portanto, que não foram levados em consideração o conjunto das necessidades humanas, mas apenas as preferências individuais ou grupais, desencadeou-se um fracionamento civilizacional, principalmente entre culturas e grupos econômicos.

Assim, as potencialidades indicadas e os desafios informados constituem apenas um extrato resumido da multiplicidade de manifestações que caracterizam as juventudes do contexto atual. Muitas outras sugestões poderiam ser feitas para revelar a riqueza e o empobrecimento da dinâmica juvenil do mundo contemporâneo, mas nesse contexto está

sendo proposta uma reflexão sobre o preço do consumo pago pelos jovens para viver e sobreviver.

Preço do Consumo

O perfil das juventudes, seja pelas suas potencialidades ou pelos seus desafios, conforme reflexão anterior, contribuem por um lado com a vitalidade das juventudes, mas por outro, marcam os grandes desequilíbrios demarcados pela experiência juvenil que incide sobre as suas próprias vidas e sobre o conjunto da sociedade, principalmente neste momento histórico da civilização humana.

Dentre os principais desequilíbrios que são expressos pela juventude e por aqueles que os influenciam diretamente, poderíamos lembrar a situação de intolerância crescente na realidade atual, o desemprego estrutural e conjuntural, o acesso e permanência na escola, o desamparo das políticas públicas e o desencanto pela vida e pela história.

Tais aspectos, em vez de revelar a vitalidade da juventude, colaboram para desencadear um processo que interrompe ou deteriora a vida das juventudes. Portanto, a energia pela vida que dá certa identidade às juventudes está perdendo sua força diante das ameaças à vida, seja pelo empobrecimento de multidões de jovens, pela interrupção violenta de vidas ou pela atrofia das relações sociais por causa do individualismo.

A multiplicidade de conectividades que os jovens inauguram, cotidianamente, revela, também, a fragilidade dessas relações e as tecnologias midiáticas estão se transformando no referencial teórico e prático da conduta juvenil. Tal enquadramento motiva a juventude para multiplicar relações ocasionais, forjando, assim, uma cadeia crescente de contatos, contribuindo com a superficialidade das relações familiares, religiosas, profissionais ou afetivas. Além da diversidade de relações, elas não são assumidas de forma responsável para compor um projeto de vida que tenha um sentido para a própria existência humana.

A energia que potencializa, ainda, as juventudes para o desejo ou para a utopia perde sua dinamicidade, também, na medida em que os sonhos são marcados pela sonolência entorpecida das drogas, pelas viagens suicidas dos vícios ou pelas afinidades afetivas frustradas. Dessa forma, as energias que deveriam impulsionar a realização humana são interrompidas pela satisfação imediata ou pela busca desenfreada de experiências ocasionais.

Essas características, dentre tantas outras, precisam estar contextualizadas num mundo descrito por Lipovetsky e Serroy (2011) como hipermoderno, caracterizado por quatro polos estruturantes: *hipercapitalismo* considerado a grande força da globalização financeira, *hipertecnização* compreendido pela influência da diversidade e universalidade das tecnologias, *hiperindividualismo* caracterizado pela supremacia do ego, e o *hiperconsumo* entendido como a energia exponencial do hedonismo mercantil. Essas disposições estariam dando o suporte, segundo os autores, para o fortalecimento de uma sociedade desorientada como expressão de uma cultura-mundo ou de um mundo-cultura.

Na dinâmica desse contexto poder-se-ia encontrar, também, as categorias da desregulamentação, da privatização e da individualização, aspectos considerados por Bauman (2011, p. 34) como os sustentáculos para uma vida boa. Tais elementos seriam, segundo o autor, o suporte da realização pessoal, porque foram feitos na medida da felicidade dos consumidores e, portanto, “voltados, como todas as alegrias de consumo, para prazeres individuais, solitários, mesmo quando apreciados em conjunto”. O consumo se tornou, no projeto de uma sociedade líquida e descartável, a energia desestabilizadora dos valores da solidariedade e responsabilidade, e continua fortalecendo a dinâmica egoísta e individualista, aspectos que exigem, cada vez mais, o despertar do desejo consumista.

Para deixar ardente esse desejo é indispensável dispor de recursos necessários que possam viabilizar, no cotidiano, essa aspiração. Tal disposição está sendo atendida, principalmente, pela globalização econômica, fato que marcou profundamente, segundo Badiou (2007), o século passado, porque foi caracterizado pelo triunfo do capitalismo e do mercado mundial. Nesse contexto, o lucro foi o elemento central e tal dinâmica continua refletindo sobre a realidade atual.

Essa realidade é compreendida por Beck (2011, p. 23) pela articulação entre a produção social de *riqueza* e a produção social de *riscos*. Segundo o autor, “aos problemas e conflitos distributivos da sociedade da escassez sobrepõem-se os problemas e conflitos surgidos a partir da produção, definição e distribuição de riscos científico-tecnologicamente produzidos.” Assim, a característica para a produção de riqueza está fortemente vinculada aos riscos econômicos, sociais e tecnológicos.

Como somos herdeiros desse modelo, apesar da lucratividade, continuamos segundo Badiou (2007), uma civilização marcada pelo desmoronamento dos valores e das instituições, bem como, demarcada pela barbárie e a destruição. Segundo o autor, ao entender que a sociedade atual não tem projetos mais humanitários, prevalece a busca pelo lucro a qualquer preço, principalmente para atender a preferência e a ansiedade pelo consumo.

Com base na apresentação dos desafios mencionados, principalmente daqueles que incidem sobre a vida da juventude por meio de um hedonismo mercantil, do atendimento dos prazeres individualistas, bem como a exigência da lucratividade para poder consumir mais, torna-se oportuno recomendar algumas mudanças nessa lógica e investir esforços para a construção da dignidade humana.

Portanto, com o desejo de promover esse projeto, Bauman (2011, p. 24) propõe “impor desafios difíceis de confrontar de perto, objetivos bem além do nosso alcance, padrões de excelência que pareçam distantes de nossa capacidade para alcançá-los”. Para dar consistência a esse procedimento é recomendado apontar para horizontes de sentido, indicar projetos plenos de significado, e sugerir o valor da ética num “mundo de consumidores”. E tal tarefa não é reserva de luxo para alguns senão para todos, pois, segundo Boff (2012, p. 21), “A crise atual, com as severas ameaças que globalmente pesam sobre todos, coloca como urgente e impostergável a questão da responsabilidade coletiva dos seres humanos.” Para responder a essa proposta, além de inúmeras possibilidades, pretende-se dar um encaminhamento ao valor do compromisso com base no princípio da ética.

O Valor do Compromisso

Após ter refletido sobre alguns traços da fisionomia das juventudes e indicados alguns desafios dos jovens no mundo contemporâneo, torna-se indispensável sugerir algumas potencialidades éticas. Partindo do princípio de que não são as estruturas, mas os projetos que podem mobilizar as juventudes, torna-se desejável indicar a ética como uma possibilidade a ser vivenciada para criar e cultivar o valor do compromisso. Nesse sentido, segundo La Taille (2006, p. 30) “falar em moral é falar em deveres, e falar em ética é falar em busca de uma ‘vida boa’, ou se quiserem, de uma vida que ‘vale a pena ser vivida’”. Com o objetivo de se aproximar dessa proposta está se sugerindo que, no cotidiano das juventudes, possam-se vivenciar a autenticidade, ou pelo desejo de experimentar as diversas formas relacionais por meio de um procedimento de religação, e um processo de envolvimento para atuar na transformação social e no desenvolvimento cultural.

Na dinâmica dessa proposição é recomendado ter consciência de que a técnica e a ciência tornaram-se universais e, nesse caso, a tecnologia está dando à atividade humana, pela primeira vez na história, um raio e alcance planetários. A técnica permite a comunicação simultânea de todos os acontecimentos do planeta e, diante disso, os homens

se encontram frente ao desafio de assumir, em escala mundial, o dever da responsabilidade de suas ações ou o dever de assumir a responsabilidade do agir humano.

Porém, ante este compromisso, vê-se crescer o desequilíbrio entre o poder de dominação técnica da realidade e os critérios morais para uma ação universal. Assiste-se, assim, a um desequilíbrio entre o *homo faber* e o *homo sapiens* e para enfrentar esse desafio da situação atual, as morais fundamentadas no sujeito não têm condições de enfrentá-lo porque se mostram incapazes e não conseguem assegurar um equilíbrio entre as responsabilidades morais e as crescentes evoluções técnicas.

O abismo crescente entre valores e interesses, seja ao nível individual, familiar, político nacional e internacional, mostra a imensa desproporção entre os limites das preocupações individuais e a amplidão das consequências do agir humano. À luz desse desafio, pela primeira vez, nossa civilização coloca cada ser humano e cada nação diante da problemática de uma ética comum. A partir disso, é urgente a proposição de uma ética da responsabilidade solidária capaz de afrontar os desafios emergentes e de assegurar aos homens a capacidade de governar os poderes que efetivamente possuem.

Diante dessas circunstâncias, que se revelam desfavoráveis à proposição de valores, principalmente para a juventude, torna-se um desafio ainda maior sugerir a ética como um valor necessário e recomendado para vivenciar uma vida com dignidade. Com base nessa disposição é aconselhado retomar uma proposta de Giddens (1996, p. 286), ao afirmar que “Longe de vermos o desaparecimento de valores universais, talvez esta seja a primeira vez na história da humanidade em que esses valores apresentam um verdadeiro ponto de apoio”. Tais pontos de apoio podem ser buscados em distintos princípios, mas aqui está se sugerindo a proposta ética pautada na autenticidade de Taylor (2009), na religação de Morin (2005) e na sociabilidade de Oliveira (1993).

Assim, a ética da autenticidade tem por base a contribuição de Taylor (2009), que pela relação entre a identidade e a diversidade ou entre a singularidade e a comunidade, busca uma formação dialógica de si mesmo e dos outros por meio de um saber estar e um saber ser mais autêntico por meio da individualidade, da solidariedade e da liberdade. Essa proposição tem como pressuposto uma análise da modernidade, contextualizada a partir do século XVII, período considerado como o início de uma decadência moral e resultado, dentre muitas outras, de três maleitas. De acordo com Taylor (2009), essas deficiências são identificadas pela primazia da razão instrumental, pela perda de sentido associada à perda de valores e pela fragilização da liberdade política.

Tais tendências buscam revelar um procedimento que se esforça por apresentar e vivenciar, conforme Taylor (2009), um modelo de individualismo demarcado pela dimensão

autocentrada e expressa na figura mitológica de Narciso, pelo tecnicismo que procura inserir a tecnologia em todos os meios para se atingir a todos os fins, bem como, pelo desinteresse pela causa comum ou a renúncia a um empenho sociopolítico. Essas realidades, embora compreendidas de forma singular, formam um círculo vicioso manifestado pelo atomismo, instrumentalismo e conformismo, respectivamente.

Com o objetivo de superar esse procedimento que confere um grau de inautenticidade à pessoa e à sociedade, recomenda-se fortalecer um processo virtuoso, proposto por Taylor (2009) por meio da ética da autenticidade. Para isso, o autor busca inspiração em Jean-Jacques Rousseau que propunha o conceito de autodeterminação, bem como em Santo Agostinho que sugeria uma consciência reflexiva para estabelecer uma interação entre os homens e Deus. Tais sugestões configuram a articulação entre a energia interior com as potencialidades exteriores ou entre a dinâmica da imanência e da transcendência.

Com base nesse movimento dialógico, Taylor (2009, p. 75) afirma que “a autenticidade implica criação e construção, originalidade e criatividade, bem como, criticidade e oposição às regras sociais estabelecidas, mas requer também, abertura a horizontes de sentido e uma definição de si mesmo feita por meio do diálogo”. Essa relação entre o sentido e o significado, entre o diálogo e o dialógico e entre o individual e o social poderia potencializar uma ética da autenticidade.

Tal sugestão pode ser direcionada, de modo particular, para a juventude porque a proposta de Taylor (2009, p. 74) sugere que “A autenticidade implica a originalidade, exige a revolta contra a convenção”. Essas disposições da originalidade e da diversidade, ou do *ser-em-si* e do *ser-para-o-outro* se constituem em valores que expressam o compromisso dos jovens pela vida pessoal e pela vivência social e poder-se-ia lembrar que na contemporaneidade o ser humano não está pronto e acabado, mas em processo continuado de construção. Para referendar tal procedimento, Leopoldo e Silva (2012, p. 41) afirmam que

o sujeito não é uma entidade pronta e acabada, porque a subjetividade não é um dom metafísico, mas algo a ser realizado, assim também a intersubjetividade torna-se real quando a construímos no processo existencial, social e histórico, em meio a toda sorte de obstáculos e decepções.

A contribuição desses teóricos confirma a necessidade de compreender os valores muito mais no seu processo de criação do que pelo seguimento de normas pré-estabelecidas.

Na sequência, a ética da religação tem como pressuposto a contribuição de Morin (2005), que articula o subjetivo e objetivo, a poesia e sabedoria, o comunitário e cívico entre as instâncias do indivíduo-sociedade-espécie. A partir dessa proposição, o entendimento de mundo do autor está vinculado, por um lado à fragmentação do ser humano, dos sistemas sociais e da formação das espécies, e por outro a uma exigência de regeneração dessas dinâmicas no contexto de uma realidade complexa.

No conjunto de elementos que precisam ser regenerados está o ser humano que, conforme Morin (2005) estaria sendo dominado pela ciência. Assim, o homem ao se considerar criador das ciências estaria se tornando criatura das invenções e em vez de ser o sujeito das técnicas, estaria sendo transformado em objeto das tecnologias. A humanidade estaria sendo, de acordo com o autor, refém de uma ciência amoral e de uma política imoral, levando a humanidade a uma tragédia planetária.

Essa realidade faz parte da condição humana, manifestada pelo egocentrismo e pelo altruísmo, pela separação e religação. Em conformidade com Morin (2005, p. 103), a ética altruísta “é uma ética da religação que exige manter a abertura ao outro, salvaguardar o sentimento de identidade comum, consolidar e tonificar a compreensão do outro”. Portanto, apesar da civilização atual fortalecer a dinâmica da separação é desejável propor a ética da religação, que seria um imperativo para vivenciar a integração com o outro, com a natureza e com o transcendente.

O altruísmo, conforme proposta de Zingano (2013, p. 15-16) caracteriza-se pelo *descentramento* do eu porque “os agentes passam a levar em consideração os interesses dos outros como tais, de modo que o ‘tu’ e o ‘ele’ são incorporados à cena moral antes ocupada inteiramente pelo ‘eu’”. Em conformidade com a proposta do autor, o altruísmo é revelador de um ato moral porque consegue reconhecer as pessoas como sujeitos constituídos com a mesma dignidade humana.

Diante desse cenário, a religação ética, de acordo com Morin (2005, p. 21), seria uma “religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana”. Esse procedimento, em conformidade com o autor, poderia ser potencializado por meio de uma experiência relacional no contexto de uma comunidade, que levaria a sociedade a sugerir aos indivíduos uma ética da solidariedade e da responsabilidade.

A responsabilidade estaria vinculada, tanto ao momento presente, mas, principalmente ao futuro da humanidade e do planeta. Nesse sentido, Jonas (2013, p. 56-57) afirma que “a responsabilidade humana se torna pela primeira vez cósmica (pois não sabemos se o universo produziu anteriormente uma coisa igual)”, principalmente porque

“foi preciso que se tornasse visível a ameaça do todo, os reais princípios de sua destruição, para nos fazer descobrir (ou redescobrir) nossa solidariedade com ele: uma ideia embaraçosa.”. Diante desse desafio, a ética da responsabilidade estaria indicando para a solidariedade, assim como o exercício da solidariedade estaria sendo sustentada pelo compromisso com valores.

Esses valores seriam os pressupostos de uma ética da religação, na qual todos os seres, todos os sistemas e todos os processos estariam envolvidos, concordando com Morin (2005, p. 39) de que “A ética é religação e a religação é ética”. Essa sugestão levaria os jovens a se empenhar para confirmar as inúmeras conexões que estabelecem cotidianamente, mas em afirmar novos vínculos com as pessoas, com os fenômenos e com o planeta.

O valor do compromisso, por meio de uma ética da religação, deveria articular o pensar bem e fazer o bem, e o valor indicado por Morin (2005) para estabelecer essa relação entre o refletir e o agir seria o amor. Para estabelecer essa vinculação, os jovens poderiam se dispor a retomar a sabedoria e a poesia na vinculação consigo mesmo, com os outros e com a natureza, evitando o amor possessivo e promovendo o amor da hospitalidade, do perdão, do reconhecimento, da paixão e do cuidado, porque em conformidade com Boff (2012, p. 264), “[...] o cuidado nos faz seres verdadeiramente éticos que assumem responsabilidade pelo bem-viver humano e ambiental, solidário [...]”, de modo especial com as gerações contemporâneas e as vindouras.

Na complementaridade dessa reflexão, a ética da sociabilidade tem como inspiração a sugestiva proposta de Oliveira (1993), que compreende a civilização atual pela sua tendência de cientificidade, no qual os problemas humanos são resolvidos mais pelas ciências do homem e menos pelos procedimentos éticos. Tal processo busca desenvolver, por sua vez, uma ética pautada numa disposição de recursos pré-definidos, apresentando-se mais palatável àqueles que se aproximam dela como usuários de preceitos morais e não como sujeitos éticos.

Apesar desse procedimento predominante, o ser humano é percebido, segundo Oliveira (1993), como um ser essencialmente aberto e, portanto, um ser transcendente. Mas essa disposição exige um esforço humano no sentido de ir construindo a história pessoal e social, proporcionando assim, a historicidade como um elemento essencial da própria condição humana.

Essa proposta não se esgota num entendimento conceitual, mas exige um procedimento operacional e tal atitude não pode reforçar a facticidade humana, mas precisa cooperar, conforme Oliveira (1993), com uma práxis transformadora, inserida num processo que efetiva a própria essência da humanidade numa ambiência política.

Por essa razão, desde a experiência originária dos gregos, a sociabilidade é vista, de acordo com Oliveira (1993, p. 21), “como algo constitutivo da essência humana, de tal modo que o homem, como ser essencialmente político, só na “comunidade política” (pólis) pode encontrar sua auto-efetivação”. Essa proposição leva a considerar o ser humano, mais do que um ser de necessidade, um ser de comunidade ou ser da sociabilidade.

A ética como sociabilidade seria, de acordo com Oliveira (1993), um procedimento que buscaria satisfazer as carências humanas por meio da fruição dos bens, mas seria principalmente, um processo transparente que contribuiria com a construção de uma “vida boa”, revelando a essência da condição humana no mundo da política.

Portanto, o valor do compromisso com uma ética, com base na proposta de uma ética da autenticidade, da religação e da sociabilidade poderia contribuir com um projeto inovador para a juventude, no sentido de romper com uma dinâmica alienadora e de um movimento homogêneo, promovendo sujeitos conscientes que poderiam edificar a própria história e a história da humanidade pautada em princípios de solidariedade, de responsabilidade e de justiça, objetivando construir uma civilização interativa, reflexiva e transformadora.

Considerações finais

Ao considerar o percurso realizado e percebendo alguns traços do perfil das juventudes, indicando alguns desafios do “mundo de consumidores” e sugerindo alguns encaminhamentos éticos, algumas questões permanecem em aberto. Um desses questionamentos é proposto por Nodari (2010), na medida em que reconhece os grandes avanços da ciência e da técnica, mas como essas conquistas dariam conta daquilo que a humanidade deveria fazer como procedimento ético?

Nesta proposição estaria contemplado um encaminhamento no sentido da humanidade vincular a ciência à consciência e a técnica à ética. Numa circularidade mais próxima da juventude seria recomendado, segundo Síveres (2013), vincular a singularidade à convivência, a informação à compreensão e o bem-estar ao bem viver. Objetivando potencializar tal projeto, como as condições sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais poderiam contribuir para que a juventude pudesse participar de um processo que indicaria para o horizonte da felicidade?

Numa disposição do sujeito juvenil e diante das diversas formas para cultivar a vida, seria possível um compromisso ético que contemplasse o respeito aos semelhantes e uma

acolhida das individualidades? Perante a diversidade de conectividades vivenciadas pela juventude, qual compromisso ético poderia ser cultivado para alimentar amizades que colaborassem com o crescimento pessoal, profissional ou espiritual? Para desencadear um processo de mudança cultural em relação às utopias seria sugestiva a participação em projetos sociais, em ações comunitárias ou em programas políticos, mas como motivar os jovens para que pudessem promover a transformação social por meio dessas sugestões?

Os questionamentos acima indicados são apenas algumas possibilidades para que os jovens possam pautar sua conduta em princípios éticos, aspecto que poderia contribuir, também, para desenvolver projetos que favorecessem relações mais solidárias, consolidar iniciativas de instituições que seriam mais responsáveis, interagir com projetos que buscassem promover sujeitos mais solidários, bem como, reconhecer e fortalecer experiências que apontassem possibilidades de vida digna para a juventude.

Dentre as diversas possibilidades, foi propósito dessa reflexão indicar o valor da ética, destacando-se a importância de uma ética pautada na autenticidade do sujeito e da sua interação com os outros, de uma ética da religião envolvendo o indivíduo, a sociedade e a espécie, bem como, uma ética da sociabilidade que contemplasse a dinâmica de transformação social, mas compreendidos mais no horizonte da sua proposição do que no atendimento de algumas recomendações.

Na possibilidade desses valores proclamados serem também vivenciados, acredita-se que seria possível passar da tendência majoritária do preço do consumo para o valor do compromisso. Assim, a juventude e as juventudes poderiam ser protagonistas de um projeto humanitário que pudesse refletir, em todas as suas relações e correlações, uma luz que iria iluminar o caminho da humanidade nesse seu peregrinar histórico.

Referências

- BADIOU, A. *O século*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.
- BAUMAN, S. *Ética pós-moderna*. São Paulo, SP: Paulus, 1997.
- _____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011.
- BECK, U. *Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora 34.
- BOFF, L. *O cuidado necessário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CASTORIADIS, C. *Uma sociedade à deriva. Entrevistas e debates 1974-1997*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

_____. *Janela sobre o caos*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

CORTINA, A. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

FREIRE, A. M. A. Inédito viável. In: Streck, D. R., Redin, E., & Zitkoski, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008, pp. 231-234.

GIDDENS, A. *Para além da esquerda e da direita. O futuro da política radical*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GOMES, C. A. (Org.). *Juventudes: possibilidades e limites*. Brasília, DF: Unesco; UCB, 2011.

HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

JONAS, H. *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto; Ed. da PUC-Rio, 2006. 354p.

_____. *Técnica, medicina e ética. Sobre a prática do princípio responsabilidade*. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

LA TAILLE, Y. *Moral e ética. Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.
LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, G., SERROY, J. *A cultura-mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

MORIN, E. *O método 6: ética*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

NODARI, P. C. *Sobre ética. Aristóteles, Kant e Levinas*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2010.

OLIVEIRA, M. A. *Ética e sociabilidade*. São Paulo, SP: Loyola, 1993.

SILVA, F. L. *O outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2012.

SÍVERES, L. Os processos de aprendizagem na formação e profissionalização docente. In: Inter-Ação. *Revista da Faculdade de Educação, UFG*, v. 1. 1975 – Goiânia, GO: FE/PPGE/UFG, 1975, v. 38, n. 3. 649-661.

TAYLOR, C. *A ética da autenticidade*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2009.

ZINGANO, M. *As virtudes morais*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013.

Submetido em 14-09-2016

Aprovado em 28-11-2018

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)